

Farol

TRECHO GRATUITO

Fora do Real

Como eu construí patrimônio fora do Brasil,
começando do zero, e o que eu faria diferente

Parte 2 na íntegra. O guia completo tem 9 partes e 4 apêndices.

Primeira edição · 2026 · farolandco.com

ANTES DE LER

O que é isto

Este é um trecho gratuito de **Fora do Real**, um guia em PDF sobre construir patrimônio fora do Brasil, escrito por um brasileiro que saiu do país em 2016 com quase nada investido e mora em Dubai desde então.

Você vai ler a **Parte 2 inteira**, que é a conta que quase ninguém faz antes de decidir onde deixar o dinheiro.

Nada aqui está resumido ou cortado pela metade para te obrigar a comprar. O que você tem em mãos é exatamente o texto do guia.

Aviso. Este material relata uma experiência pessoal e tem finalidade informativa. Não é consultoria financeira, de investimentos ou tributária, e não recomenda a compra ou venda de nenhum ativo. O autor não é contador, advogado nem consultor registrado na CVM. Para a sua situação, procure um profissional habilitado.

A conta que ninguém faz

Esta parte é nova, e é a que eu mais queria ter lido antes de sair.

Todo brasileiro que mora fora já ouviu a frase, normalmente de um parente bem-intencionado: "mas no Brasil o investimento rende muito mais". E o parente não está mentindo. Em real, nominal, ele está certo. Um CDI de dois dígitos parece absurdo para quem mora num país onde a poupança em moeda forte rende pouco, e a comparação direta é constrangedora.

O problema é que a comparação direta está errada, e ela está errada de um jeito específico que custa caro.

O rendimento que você vê e o que sobra na sua moeda

Existem três camadas entre o número anunciado e o que de fato entra no seu bolso, e cada camada come um pedaço.

Camada 1, a inflação brasileira. Rendimento nominal não é rendimento. Se o investimento rende doze por cento e a inflação foi cinco, você ganhou sete. Isso vale em qualquer país e quase todo mundo já entendeu.

Camada 2, o câmbio. Esta é a que derruba a conta, e é a que quase ninguém faz. Você não vive em real. Você paga aluguel, mercado, escola e plano de saúde em outra moeda. Então o que importa para você não é quanto o investimento rendeu em real. É quanto ele rendeu **na moeda em que você gasta**. Se o ativo rendeu doze por cento em real e o real desvalorizou dez por cento contra a sua moeda no mesmo período, o seu ganho real, na moeda que você usa, foi de cerca de dois por cento.

Camada 3, o imposto e o atrito. Tributação na fonte, come-cotas onde ele existe, taxa de administração, spread de câmbio na hora de trazer o dinheiro para o lado de cá. Individualmente cada um parece pequeno. Somados, num horizonte longo, não são.

Quando eu fiz essa conta pela primeira vez, com os meus próprios números, o resultado me incomodou o suficiente para mudar o que eu estava fazendo.

A conta que eu uso, e que você pode refazer

Eu resumo assim, e é a única fórmula deste guia:

Para um investimento brasileiro empatar com um investimento global na minha moeda de gasto, ele precisa render, por ano, a diferença histórica de desvalorização da moeda, mais a diferença de custo e tributação, só para ficar no zero a zero.

No meu caso, usando a década que eu de fato vivi fora, de 2016 a 2026, essa barreira ficou em torno de **quatro vírgula oito por cento ao ano, só de câmbio**, que é a taxa a que o real se desvalorizou contra o dólar no período. Somando taxa de administração e tributação, a barreira total sobe mais um pouco.

Se você preferir ser conservador e usar uma janela mais longa, ou uma média de décadas em vez de uma década específica, o número cai um pouco, para a casa dos três a quatro por cento. Use o que te parecer mais justo. A conclusão não muda, só o tamanho dela.

Isso significa uma coisa contraintuitiva e importante: **um ativo brasileiro que rende três por cento acima de um ativo global, em real, não está ganhando. Está empatando.** Ele só começa a ganhar de verdade acima disso, de forma consistente, por anos.

Historicamente, alguns ativos brasileiros conseguiram isso. Olhando para frente, com a minha leitura, é aproximadamente um empate. E aí a pergunta muda de figura. Se é um empate, por que carregar o risco adicional de um só país, uma só moeda e um regime tributário instável? A resposta honesta, para mim, é que só faz sentido se você tiver um **propósito** em real: uma vida futura no Brasil, uma renda que você quer receber lá, um imóvel que pretende comprar em real. Como aposta de retorno, não se sustenta. Como escolha de propósito, se sustenta muito bem.

Vale fazer essa conta com médias históricas da década que eu vivi fora, e o resultado é menos dramático do que o meu argumento poderia sugerir, então vou apresentá-lo honestamente.

A renda fixa brasileira, medida pelo CDI, rendeu na média de 2016 a 2025 cerca de **nove e meio por cento ao ano**, em real. O título do tesouro americano de dez anos, no mesmo período, pagou em média perto de **dois vírgula sete por cento ao ano**, em dólar. À primeira vista, o Brasil ganha com folga, e é exatamente essa comparação que o seu parente está fazendo.

Agora desconte a desvalorização de quatro vírgula oito por cento ao ano. A vantagem brasileira encolhe para uma diferença pequena. Desconte imposto, taxa e spread de câmbio na hora de trazer o dinheiro, e ela quase desaparece.

O que sobra não paga o risco. Você carregou risco de um só país, de uma só moeda, e de um regime tributário que muda de regra com frequência, para terminar aproximadamente empatado com o título mais chato do mundo. Se sobrasse uma vantagem grande, seria um debate legítimo. Do jeito que está, a pergunta que fica é por que correr esse risco.

Os números acima são médias de um período específico e envelhecem. Confira as séries antes de tomar qualquer decisão, e refaça a conta com o seu período e a sua moeda de gasto, que é a única que importa para você.

Fontes: CDI anual de 2016 a 2025 (Banco Central do Brasil / B3), média composta de cerca de 9,4% ao ano; rendimento médio anual do título de 10 anos do Tesouro americano no mesmo período (U.S. Treasury / FRED, série DGS10), cerca de 2,7% ao ano; dólar a cerca de R\$ 3,24 em setembro de 2016 e R\$ 5,20 em setembro de 2026 (PTAX, Banco Central do Brasil).

O dinheiro que eu não juntei

Aqui vai a parte que não é agradável de escrever, e ela não é sobre alocação.

Eu não saí do Brasil com carteira para comparar. Tinha pouquíssimo investido, como a maioria dos brasileiros que eu conheço: algumas ações e alguns fundos imobiliários, que deixei lá como estavam e que seguem lá até hoje. Então o meu custo de oportunidade dos primeiros anos não foi ter escolhido o ativo errado. Foi não ter tido ativo nenhum.

Eu passei quase **dois anos** morando em Dubai antes de começar a juntar dinheiro de verdade. Dois anos ganhando em moeda forte, que é exatamente o período em que a conta acima trabalha a seu favor pela primeira vez na vida, e eu não aproveitei nenhum deles. Pior: acumulei dívida que dava para ter evitado.

Não foi por falta de informação. Foi porque morar fora custa mais caro do que a planilha diz, de um jeito que ninguém te avisa. Você gasta com lazer, com viagem, com jantar, com compras, em parte porque tudo é novo, e em parte porque é assim que se fazem amizades quando você não tem ninguém, e porque isso preenche um pouco a falta que o Brasil e a família fazem. Cada gasto isolado se justifica. O conjunto, ao longo de dois anos, foi o erro financeiro mais caro que eu cometi, e ele não aparece em nenhuma discussão sobre ETF contra CDI.

A conta que ninguém faz não é só a do câmbio. É a de quanto tempo você levou para começar.

Uma carteira medíocre iniciada no primeiro mês vence uma carteira ótima iniciada no vigésimo quarto. Eu sou a prova do lado errado dessa frase.

É por isso que a Parte 3 começa com uma meta de poupança e não com escolha de investimento.

A segunda camada: a parte fiscal

Até aqui falei de rendimento. Existe uma segunda camada, a fiscal, e sobre ela eu vou ser curto de propósito.

Quando você sai do Brasil, a sua relação com a Receita Federal muda. O que muda, o que você precisa entregar e em que prazo depende da sua situação, e essa não é uma conversa para um PDF.

O que eu faria, e o que eu gostaria de ter feito mais cedo: sentar uma vez com um contador

que trabalhe com expatriados e confirmar que está tudo certo. A Parte 4 conta como foi a minha saída, e o Apêndice B tem as perguntas que eu levaria para essa conversa.

O GUIA COMPLETO

O que vem depois

A Parte 2 é a conta. O resto do guia é o caminho: a sequência real do primeiro mês em diante, a Saída Definitiva, as três famílias de conta de investimento, a carteira que eu carrego e a página sobre domicílio de fundo, a pergunta do imóvel, o que quebra quando você sai, e os quatro erros que eu cometi.

US\$ 47, pagamento único, download imediato. Sem assinatura, sem curso, sem próximo passo pago. Reembolso em 14 dias, sem perguntas.

farolandco.com/fora-do-real